

AUTISMO, DIAGNÓSTICO, MÉTODOS E PRÁTICAS: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO INCLUSIVO

Ilda Medeiros Cavalcante ¹
Maria Cleia dos Santos ²
Katia Maria de Aguiar Freire ³

RESUMO

A investigação promove reflexões sobre o Transtorno do Espectro Autista, enfatizando a importância do diagnóstico e dos métodos e práticas para ensinar as crianças autistas no processo inclusivo. O objetivo geral do estudo buscou discutir o autismo pelo viés da inclusão escolar. Os objetivos específicos intentaram descobrir como o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é realizado; compreender como os métodos foram criados e entender como acontece o ensino das crianças que apresentam o transtorno. A pesquisa é do tipo bibliográfica realizada através de livros e artigos publicados sobre o assunto. O estudo justifica-se por trazer questões relevantes para a compreensão da inclusão das crianças autistas na escola e esclarece-as na perspectiva de incitar novos olhares, enfatizando que a educação é um caminho, mas é necessário que se tenha conhecimento e consciência de que ensinar e aprender é um processo, e cada passo e avanço devem ser respeitados e comemorados, visto que as crianças autistas possuem limitações, mas podem ser trabalhadas e conduzidas da melhor maneira a fim de facilitar o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: Autismo, Diagnóstico, Métodos, Práticas, Inclusão.

INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno que acomete muitas crianças no mundo inteiro. Esse transtorno está entre aqueles que se conhece como os Transtornos Invasivos do desenvolvimento. Por muito tempo, antes que se estabelecesse o diagnóstico a condição de ser dos indivíduos que possuíam autismo era tratada de forma estereotipada.

Até os dias atuais é muito comum confundir o autismo com outros transtornos, isso acontece devido ao grau de complexidade que esse transtorno apresenta. Uma pessoa com autismo apresenta dificuldades em se relacionar, em manter uma interação social com outra pessoa, principalmente se esta não estiver presente em sua rotina diária. Uma das principais características que marcam o autismo é o Déficit de Atenção, o que ao longo do tempo, pode

1 Graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Atendimento educacional Especializado e Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, hildhamedeiro2014@gmail.com;

2 Graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Gestão Escolar da Universidade Estadual do Ceará - UECE, cleia_santos@Gmail.com;

3 Mestranda em Ciências da Educação UIC-PY, Graduada em Pedagogia katiamefreire@gmail.com; (83) 3322.3222

influenciar nesses indivíduos problemas como a baixa autoestima, dificuldades de interação e aprendizagem, distanciando estes de práticas sociais comuns e corriqueiras, separando-os para um próprio mundo, que por vezes parece ser impenetrável.

Na perspectiva de investigar e contextualizar o assunto, o objetivo geral do estudo buscou discutir o autismo pelo viés da inclusão escolar. Os objetivos específicos intentaram descobrir como o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é realizado; compreender como os métodos foram criados e entender como acontece o ensino das crianças que apresentam o transtorno.

A problemática ficou circunscrita a seguinte indagação: quais os impactos da inclusão na vida da criança com TEA? Entende-se que a inclusão é um processo que revolucionou a forma como as crianças com autismo vivem e se relacionam na contemporaneidade, isso acontece por que através da inclusão dessas crianças no sistema escolar, passou-se a se discutir, a formar e a entender os métodos e práticas capazes de promover a educação e o desenvolvimento das mesmas. A inclusão não apenas impacta como transforma por meio das descobertas científicas que a criança com TEA pode aprender e que a escola é a porta de entrada e de convívio das relações sociais e precisa estar preparada para promover um processo progressivo, respeitando as limitações e a condição dos alunos.

Quanto à metodologia, o estudo foi elaborado com base na pesquisa bibliográfica, que é aquela que busca, através de livros, artigos, teses, dissertações e revistas informações cruciais para o desenvolvimento da pesquisa, proporcionando encontrar respostas às questões que surgem como relevantes do decorrer da investigação.

Contudo, o estudo justifica-se por promover novos olhares sobre a educação inclusiva, trazendo entendimento sobre o diagnóstico, os métodos de ensino, as práticas escolares e o papel da escola frente o desafio de incluir. A inclusão é um assunto pertinente ao campo da educação, e discutir, incitar novas práticas e trazer à tona novos elementos que favoreçam o entendimento sobre o autismo não só é válido, como necessário.

METODOLOGIA

Considerando-se a natureza desta investigação a pesquisa possuiu caráter qualitativo, que conforme Minayo (2004, p. 21-2) é aquela que:

Se preocupa, nas ciências sociais com dados que não podem ser quantificados. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Já a pesquisa bibliográfica se constituiu, neste estudo, como procedimento indispensável para chegarmos mais perto dos conceitos e fundamentos que amparam nosso campo e objeto de estudo. Desse modo, Marconi e Lakatos (2006, p. 160), consideram que:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

A utilização deste tipo de pesquisa justifica-se, pela sua relevância nas pesquisas sociais por concederem subsídios para a compreensão, análise e interpretação do assunto abordado. Desse modo, o estudo iniciou-se pela escolha dos autores a partir do tema e depois fez-se uma triagem para saber quais autores eram mais relevantes para serem usados como referência em cada parte do estudo.

AUTISMO, DIAGNÓSTICO, MÉTODOS E PRÁTICAS

Alguns autores enfatizam que o autismo “é um conjunto de sintomas iniciados na infância, onde a capacidade para pensamentos abstratos, jogos imaginativos e simbolização fica severamente prejudicada” (CUNHA, 2011, p. 27). Os estudos apontam que o termo autismo foi mencionado pela primeira vez para descrever a forma como as pessoas que possuíam esquizofrenia se comportavam. Por volta de 1911 Eugen Bleuler, que tratava pessoas com problemas mentais descrevia o autismo como um comportamento que fazia os sujeitos a fugirem da realidade, e com isso, se aprofundavam em isolamento profundo.

Tempos depois Leo Kanner fez uma observação com crianças que tinham dificuldades de se relacionar, e foi em 1943 que o estudioso percebeu que essas crianças apresentavam muitas dificuldades características na comunicação e possuíam apego as atividade de rotina de modo excessivo. Foi por meio dos estudos de Kanner que começou-se a acreditar que o Transtorno era causado pelo lado emocional transmitido de pais para os filhos, o que mais tarde foi questionado, e nesse caso tal pensamento caiu em descrédito por não possuir elementos científicos que o confirmassem.

Em 1944 mais de 400 crianças foram avaliadas por Hans Asperger, foi observado cada comportamento, e durante as transcrições dos dados foi possível perceber que existia

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

inabilidade para desenvolver amizades ou empatia por outras pessoas, além das crianças apresentarem dificuldades motoras, e por isso, muitas crianças se restringiam a interagir com outras que eram consideradas “normais” ou “comuns” (CUNHA, 2011).

Nos dias atuais entende-se que as crianças autistas podem apresentar diferentes manifestações e que estas podem aparecer de forma diferente e não necessariamente juntas. Compreende-se, também, que os fatores biológicos podem influenciar, sobremaneira, uma criança, por isso, estudos ainda estão em desenvolvimento para entender como essa relação pode influenciar o Transtorno do Espectro Autista.

as questões sobre os possíveis agentes causadores do autismo são muito polêmicas. Inquirem-se desde causas psicológicas, disfunções cerebrais e alterações de neurotransmissores e fatores ambientais, como definidores da doença, até os de natureza genética, sendo esta última levantada e analisada mais recentemente por diversos cientistas (ORRÚ, 2012, p. 27):

Ainda há especulações sobre uma hipótese de que o autismo é precedido pelas alterações durante a formação do bebê, que podem comprometê-lo de forma mais leve ou grave. De acordo com Orrú (2012) a epilepsia, problemas prinatais ou pré-natais, além da síndrome de Down são condições médicas comumente associadas ao autismo e as causas mais comuns são infecções como Varicela, Toxoplasmose, Caxumba, Herpes simples, sífilis, Rubéola e alguns problemas que ocorrem durante o pré-natal.

Diz-se, pois, que o autismo está diretamente relacionado às alterações genéticas (SILVA, 2012). Os autores que acreditam que a causa do autista está relacionada a diversos genes, e são as mutações ocorridas propiciam o Transtorno do Espectro Autista. Orrú, em estudos sobre o assunto afirma que

[...] estão se realizando estudos de alguns genes, [...] a serem identificados como mecanismos de herança para o autismo. Embora não sejam definitivos para clarear-lhe a origem, mostram-se úteis no estímulo da busca arduosa para o melhor conhecimento da síndrome, suas hipóteses e possibilidades de desenvolvimento (ORRÚ, 2012, p. 29).

Outros estudos apontam que os fatores ambientais podem, também, contribuir para o desencadeamento do autismo nas crianças. Os fatores mais comuns variam do uso de substâncias químicas a infecções oriundas de vírus. Estima-se que “os fatores genéticos, que determinam a formação cerebral, aliados aos fatores ambientais (externos) formam o ser

humano com suas habilidades ou talentos e com suas dificuldades e inaptidões” (SILVA *et al* 2012, p. 177).

O autismo é um transtorno complexo, e por isso, muitos pesquisadores tem dificuldades em explicar as causas de forma concreta. Por isso, o diagnóstico deve ser feito com cautela e por profissionais qualificados, que entendam do assunto, já que ainda há lacunas no modo como o autismo se apresenta em cada pessoa, por isso esses profissionais podem ter dificuldades em realizar um diagnóstico preciso. A dificuldade em estabelecer um diagnóstico se deve ao fato que “o grupo de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento pode ser caracterizado como um conjunto de anormalidades qualitativas onde cabem outros distúrbios” (CUNHA, 2011, p. 26).

[...] era uma unanimidade entre os especialistas que quanto mais cedo fosse feito o diagnóstico, mais cedo poderia começar a estimulação precoce das crianças dentro do espectro autista, obtendo resultados extremamente significativos na aquisição de comportamentos adequados, com reflexos na atenção, na aprendizagem, no ajustamento social e na sua interação com as pessoas (COSTA, 2013, p. 75).

É imprescindível que se faça um diagnóstico assim que as crianças apresentam algum sintoma ou alteração ao adentrar no ambiente escolar. Em um estudo realizado por Orrú (2012) estima-se que “no Brasil, devem existir, estatisticamente, de 75 mil a 195 mil autistas, baseado na proporção internacional”. Se levar em consideração a população brasileira esse é um número considerável. Por isso, discutir sobre a melhor forma de realizar o diagnóstico de uma criança autista não só é necessário como indispensável.

Para apoiar as pesquisas sobre TEA surgiram no país algumas instituições como a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), a Associação de Amigos do Autista (AMA), que ajudam na luta das famílias por tratamento e a inclusão social de seus filhos. Tem-se ainda a Associação Terapêutica Educacional para Crianças Autistas (ASTECA) que promove a interação entre sociedade e autistas, na perspectiva de ajudar professores com apoio pedagógico em sala de aula. No entanto, mesmo com o apoio dessas instituições, ainda há uma carência muito grande no tocante ao esclarecimento do autismo e da formação dos profissionais que atuam na formação dessas crianças.

A falta de iniciativas dos órgãos de governo e dos demais membros de nossa sociedade, para reparar esse grave dano causado às pessoas com autismo e a seus familiares, aumenta ainda mais a dor dessas famílias, por perceberem que “os autistas não existem para a sociedade”, “a sociedade ainda não entende o que é um autista”, “os médicos pediatras e neurologistas ainda desconhecem o diagnóstico

precoce”, “os profissionais de educação ainda não estão preparados para receberem os autistas” (COSTA, 2013, p. 66).

Muitas famílias sentem-se desamparadas por serem carentes, e quando se deparam com o processo de diagnóstico e com os altos custos que envolve o tratamento das crianças sentem-se confusas por não possuírem conhecimento ou por não terem consciência do seu direito como cidadão. Nesse caso, as associações e organizações que lutam pela educação e direitos dos autistas pode contribuir de forma significativa.

É necessário que se tenha a compreensão que o autismo evidencia sintomas que correspondem a três áreas principais: o comportamento, a comunicação e a socialização. A área que aparentemente é mais evidenciada é a da interação social, pois as crianças possuem uma dificuldade em se relacionar com outras e dependendo do nível de autismo, essa relação pode nem existir. Nessa perspectiva “o autismo pode ser subdividido em categorias: O autismo com traços leves, a Síndrome de Asperger, o autismo em pessoas de alto funcionamento e o autismo clássico” (SILVA *et al* 2012, p. 64).

Quando a criança possui autismo, geralmente ela realiza ações repetitivas, tem atitudes estereotipadas, batem palmas, balança o corpo compulsivamente, torcem os dedos ou ficam nas pontas dos pés quando querem andar mais rápido. Muitos acabam confundindo o autismo com outro transtorno devido a agitação no comportamento das crianças, embora a crianças autista realize o movimento pela simples ação de se movimentar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) que se confunde com o autismo o proposito do movimento é direcionado, consciente.

Outro fator que ajuda na compreensão do autismo é que as crianças se interessam por atividades que se encaixem em uma rotina, e quando está é quebrada, elas ficam confusas, prejudicando sua relação com o que vinha fazendo em benefício de seu desenvolvimento. A rotina funciona como uma maneira de elas sentirem-se mais seguras, sem surpresas que não possam lhe dar ou com um problema que ainda não conheça a solução, por mais simples que seja.

Se a rotina da criança autista for modificada a mesma pode apresentar comportamentos mais agressivos como zangar-se em detrimento a angustia de não saber lidar com uma nova situação. Quando a criança é forçada a realizar uma atividade que fuja da rotina ela pode, em um momento de raiva ficar agressiva. Uma das mais comuns manifestações é o distúrbio de humor e as crianças podem agir de forma adversa, chorando ou sorrindo de forma compulsiva, o que pode não ser o que aparenta.

Quando se trata da aprendizagem, muitas crianças que possuem autismo costumam armazenar na memória as informações na mesma linha e foco, o que pode prejudicar outras áreas do seu desenvolvimento, pois não consegue manter sua atenção em outras áreas que, também, são relevantes. Cabe pontuar, ainda, que a criança com autismo percebe as coisas de maneira fragmentada, colocando seu foco nos detalhes, como por exemplo, ao segurar um objeto não consegue inicialmente usá-lo ou entender a sua função e fica estritamente limitada a compreender esses detalhes como cor, linhas, traços, textura, tamanho, forma, etc.

Contudo, o autismo possui muitos sintomas, e não se pode esperar que uma criança apresentasse todos para que se feche um diagnóstico. Como os sintomas podem ser variados, é preciso tomar cuidado com o diagnóstico. Desse modo,

[...] os procedimentos para o trabalho com autistas compreendem avaliação comportamental, treino de repertórios de apoio, verbais e perceptivo-motores, treino em interação social, comportamento verbal e comportamentos acadêmicos, cujo objetivo é a redução de comportamentos excessivos e a ampliação da atenção do sujeito (ORRÚ, 2012, p. 58).

Após conhecer os sintomas e entender a importância do diagnóstico é pertinente que se conheça os principais métodos usados para acompanhar as crianças autistas. O método de Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit relacionados à Comunicação – TEACCH foi preconizado por volta da década 1960 e ocorre mediante avaliações através da prática psicopedagógica, onde as dificuldades das crianças são salientadas através de práticas individuais que são orientadas por um profissional.

A intensão principal do método TEACCH é a de organizar as tarefas, reduzindo comportamentos que não são adequados na busca de promover a aprendizagem. Pontua-se que este método visa a rotina da criança, estimulando que ela, através das atividades realizadas se torne mais independente. Usa-se painéis e quadros para organizar as atividades que são desenvolvidas no dia a dia para promover uma melhor compreensão da criança, é uma forma de reforçar positivamente a maneira como o autista aprende e se organiza (CUNHA, 2011).

O método TEACCH usa os recursos visuais para que a criança entenda o ambiente que vive através de símbolos. A terapia que é realizada no método ocorre de forma individual com base em experiências concretas que pode progredir conforme o desenvolvimento de cada criança.

Já o método Análise Aplicada do Comportamento (ABA) intenciona mudar o comportamento inadequado das crianças, parecido com o anterior, mas busca melhorar a

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

interação, diminuindo as birras, inserindo práticas que promovam o desenvolvimento de novas habilidades, e cada passo é realizado por etapa, respeitando as limitações de cada criança. As habilidades são trabalhadas de forma sequencial, uma após a outra através da instrução profissional e com base na singularidade de cada caso.

O método ABA, que é uma técnica proveniente do campo científico do behaviorismo, tem por objetivo observar, analisar e explicar a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem, visando a mais uma mudança de comportamentos específicos do que de comportamentos globais (CUNHA, 2011, p. 73).

O método ABA permite que a criança aprenda de forma mais agradável por meio de estímulos, onde os comportamentos inadequados são analisados antes de qualquer intervenção na perspectiva de descobrir o que promove esses comportamentos. Esses estímulos são relevantes para que se compreenda a melhor forma de lidar com cada criança com foco em suas necessidades subjetivas.

Outro método usado é o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras, mais conhecido como PECS. Esse método trabalha com o uso de figuras com a intenção de melhorar a comunicação das crianças autistas através do que pode ser desejado ou que se apresente como necessidade. Através desse método é possível usá-la como instrumento facilitador da aprendizagem.

[...] por ser observado como uma síndrome que acomete severamente o indivíduo, o autismo traz consigo o estigma de que não há nada, ou quase nada, que se possa fazer no âmbito educacional de seus portadores. Assim, as terapias e os métodos de atuação se restringem mais a modificações de comportamento (ORRÚ, 2012, p. 63).

Todos os métodos citados são usados no acompanhamento das crianças que possuem Transtorno do Espectro Autista para ajudá-las em suas diferentes necessidades que abrangem a condição e limitação tanto dentro das escolas, como no próprio ambiente familiar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que a criança com autismo possa aprender, é preciso que se apresente condições, um espaço planejado, organizado e atividades dentro de uma rotina pré-estabelecida. Usar o lúdico é uma boa estratégia para chamar a atenção das crianças, os brinquedos, por exemplo, podem ser uma importante ferramenta de trabalho se o professor

considerar sua função pedagógica. A ação de brincar, de usar o brinquedo para aprender permite que a criança desenvolva sua autonomia, demonstre emoções, se coloque em outros papéis. Interação social também é um fator importante para o desenvolvimento das crianças autistas.

Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade (SANTOS, 2008, *apud* SILVA, FRIGHETTO E SANTOS, 2013, p. 04).

Tanto na escola como em casa é necessário que se estimule as brincadeiras, mesmo que haja dificuldades do contato ou do ato de brincar, desse modo, as brincadeiras devem acontecer de forma afetiva, tal como: pega-pega, o círculo do abraço, o anel, gira em volta das cadeiras, na perspectiva de promover a interação e permitindo que a criança, aos poucos vá se acostumando com o toque.

[...] o ambiente familiar precisa satisfazer as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina, aprendizagem e comunicação. A família precisa organizar-se para se tornar um bom continente das ansiedades infantis, próprias do processo de desenvolvimento. A aprendizagem de estabelecer vínculos, ou seja, a capacidade de aprender a se relacionar, também é aprendida no ambiente familiar (SPROVIERI, 2009, p. 227).

É necessário respeitar o tempo e cada aprendizado construído com o passar dos tempos, pois, os adultos, muitas vezes, não tem paciência de esperar os avanços que as crianças podem obter com as brincadeiras.

O melhor sinônimo que podemos usar para traduzir o brincar é diversão, pois no momento da brincadeira as crianças ajudam na construção da identidade e da capacidade de tomar decisões com autonomia, além de ser um fator determinante para a evolução da imaginação.

A brincadeira prepara a criança para o mundo e não exige da criança o que ela não pode dar, pois é uma atividade que é calcada na liberdade. É uma atividade humana, não precisa pertencer a uma determinada raça ou grupo social para brincar, pois brincar é uma ação livre, e por ser assim, pertence a todos.

Talvez o brincar seja a atividade que une todas as diferenças, que derruba os muros do preconceito absurdo entre uma cultura e outra. Por que um rico não pode aprender

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

brincadeiras da cultura pobre e vice versa, já que na maioria das vezes quem cuida e brinca com as crianças são as babas, que por sua vez, ensinam a elas o que aprenderam na infância. Então preconceito não é um elemento que determina ou controla as brincadeiras, pois este é superior, sendo uma necessidade do ser humano.

Dessa forma, o brincar é uma ação que se une a imaginação, criatividade e realidade. É através dela que as interações acontecem servindo como meio de aprendizagem dos conceitos cognitivos. Por tanto, é uma atividade criada para divertir e por isso é uma experiência de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar uma criança é perceber a singularidade e a beleza da vida, é também, reconhecer que o futuro está diante das próprias mãos, do olhar e da prática, por isso, precisa-se pluralizar o respeito, não só para as crianças, mas também, para aqueles que estão, dia após dia, buscando refletir diante da sua missão educativa, uma vez que essa, buscará direcioná-los, não apenas como educandos em processos sistematizados, mas, como seres humanos críticos, reflexivos e conscientes dos seus atos perante a sociedade, ao receberem essa formação, com certeza irão entender que a educação por si só, não mudará o mundo, mas conseguirá mudar aquele que dela se apropria, para que dessa forma possa agir na sociedade em que vive, transformando-a em um lugar melhor.

Após o estudo pode-se concluir que é de extrema importância o conhecimento das características e peculiaridades da inclusão e diversidade, bem como, entender sobre o método, o diagnóstico, além da formação dos professores, e de toda a comunidade escolar. A partir desse conhecimento, eles podem desenvolver práticas pedagógicas que auxiliem na aquisição de novas habilidades, no aspecto cognitivo, motor, social, intelectual e afetivo da criança. Assim, escola, professores, pais e alunos poderão vislumbrar uma nova possibilidade de ensino e aprendizagem. Por isso, a formação docente é tão importante.

Na perspectiva de contribuir com novos olhares para a educação de crianças autistas no país, foi sugerido nesse estudo que as escolas possam viabilizar um ensino inclusivo pautado no princípio de educação para todos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – DSM-IV-TR. Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos Mentais. Trad. Dorneles. C. 4 ed. Texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

FRITH, U. **Autism and Asperger syndrome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HAPPÉ FGE. **Wechsler IQ profile and theory of mind in autism**. Journal of Child Psychology and Psychiatry 35: 1461-71, 1994.

MACHADO, Rosângela. **Educação Especial na Escola Inclusiva: Políticas, Paradigmas e Práticas**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão**. Campinas: FE/Unicamp: s/d. (mimeo)

MENDES, Enicéia Gonçalves. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil**. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, 2006.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PAULON, Simone Mainiere et al. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

RAMOS, Rossana. **Passos para a inclusão**. 5 ed. revista e atualizada – São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Introdução para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, S. M. P. dos. (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHEWER, Claudia Inês; ANDRADE, Rosangela Viana. **Teorias cognitivas e autismo**. In: ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista. **Autismo infantil: novas tendências e perspectivas**. São Paulo: Atheneu, 2009.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo Infantil**. São Paulo: Memnon, 2003.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

SILVA, Ana Beatriz B., et al.. **Mundo Singular:** entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Lucinéia Cristina da; FRIGHETTO, Alexandra Magalhães; SANTOS, Juliano Ciebre dos. In: Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso. v. 01, n. 02. (2013). **O Autismo e o lúdico.** Disponível em <http://www.revistanativa.com.br/index.php/revistanativa/article/view/81/157>. Acesso em 01/08/2019.

SILVA, Renata de Lourdes Miguel da; RODRIGUES, Maria Cosenza; SILVEIRA, Flávia Fraga. In: Psicologia em Pesquisa, 151-159, julho-dezembro de 2012. **Teoria da Mente e Desenvolvimento social na infância.** Disponível em <<http://www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/files/2013/02/v6n2a08.pdf>>. Acesso em 26/08/2019.

SPROVIERI, Maria Helena Siqueira. Estresse, alexitimia e dinâmica familiar de portadores de autismo. In: ASSUMPCÃO JUNIOR, Francisco Baptista. **Autismo infantil:** novas tendências e perspectivas. São Paulo: Atheneu, 2009.